

BOLETIM DE CONJUNTURA

96

preços de venda

carteira de encomendas

2019

estudo dos negócios

1º TRIMESTRE

tendências

produção e utilização da capacidade

peças ao serviço

APICCAPS

Associação Portuguesa dos Industriais de Calçado,
Componentes e Artigos de Pele e seus Sucedâneos

A conjuntura setorial da indústria de calçado atravessa uma fase menos favorável: no primeiro trimestre do ano, a carteira de encomendas e a produção recuaram face ao trimestre anterior, reduzindo os níveis de utilização da capacidade produtiva. Ainda assim, três em cada quatro empresas não alteraram os seus níveis de emprego. A insuficiência de encomendas de clientes estrangeiros é, por larga margem, a principal dificuldade da indústria, embora as condições climatéricas sejam também motivo de preocupação. Os preços mostram tendência diferente em Portugal (ligeiro decréscimo) e no estrangeiro (ligeiro crescimento). Dois terços das empresas consideram que o estado dos negócios permanece suficiente mas as restantes inclinam-se predominantemente para uma opinião negativa.

Embora as previsões para a Portugal e para os principais mercados externos sugiram que 2019 será marcado pelo abrandamento económico, os inquiridos acreditam que o segundo trimestre será mais favorável, devendo registar-se a estabilização ou ligeiro crescimento das encomendas e da produção, justificando uma também ligeiramente mais favorável apreciação sobre o estado dos negócios.

Publicação Trimestral editada pela



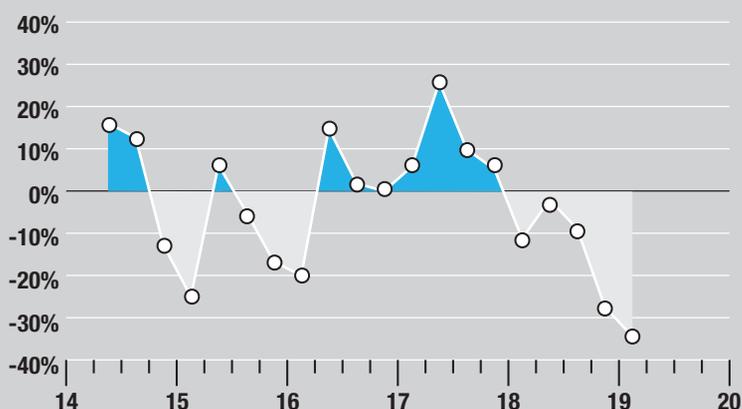
Associação Portuguesa dos Industriais de Calçado,
Componentes e Artigos de Pele e seus Sucedâneos

Com o apoio do programa COMPETE

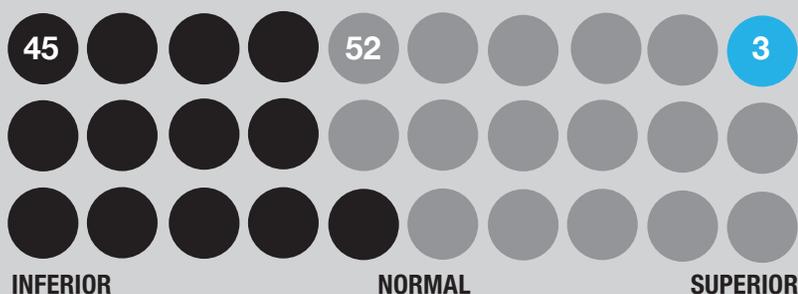
Coordenação Técnica
CEGEEA - Centro de Estudos de Gestão e Economia Aplicada da
Universidade Católica Portuguesa, Porto

Produção

No primeiro trimestre de 2019, prosseguiu a tendência de abrandamento da atividade da indústria portuguesa de calçado que vem desde meados de 2017. Neste trimestre, quase metade das empresas inquiridas disse que o seu nível de produção tinha diminuído e o saldo de respostas extremas (s.r.e.), isto é, a diferença entre a percentagem de empresas que declararam, respetivamente, que a produção aumentou e diminuiu, atingiu -35 pontos percentuais (p.p.). Esta tendência é comum às empresas dos vários escalões de dimensão e orientação de mercado.



Utilização da Capacidade



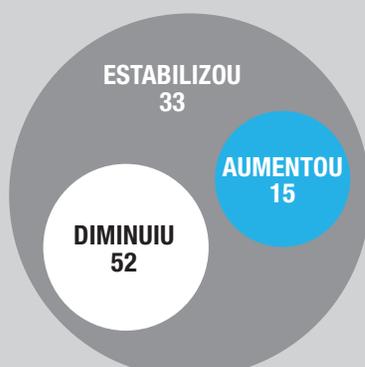
Ainda assim, a maioria das empresas (52%) afirma que o seu nível de utilização da capacidade produtiva foi normal para a época do ano. No entanto, entre as restantes, as respostas de sentido negativo superaram as de sentido positivo, originando um s.r.e. de -42 p.p., idêntico ao registado no trimestre anterior. Também este resultado é relativamente uniforme entre os vários escalões de dimensão e orientação de mercado.

Carteira de Encomendas

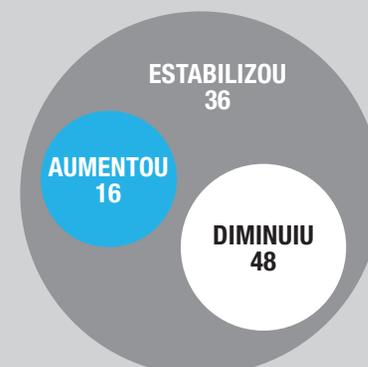
A evolução da carteira de encomendas teve um comportamento semelhante à produção: cerca de metade dos inquiridos afirma que a carteira diminuiu, tendo o saldo de respostas extremas diminuído pelo terceiro trimestre consecutivo, para um mínimo de -37 p.p. Este resultado é, no entanto, menos desfavorável entre as empresas de maior dimensão: entre as empresas com mais de 250 trabalhadores, o s.r.e. foi de apenas -17 p.p.

Os resultados relativos à carteira de encomendas do estrangeiro foram também ligeiramente menos desfavoráveis, com um saldo de -32 pontos percentuais. Neste caso, as empresas de dimensão intermédia, entre 50 e 250 trabalhadores, são as que se mostram mais pessimistas, com o saldo menos negativo a vir das pequenas empresas.

CARTEIRA GLOBAL DE ENCOMENDAS



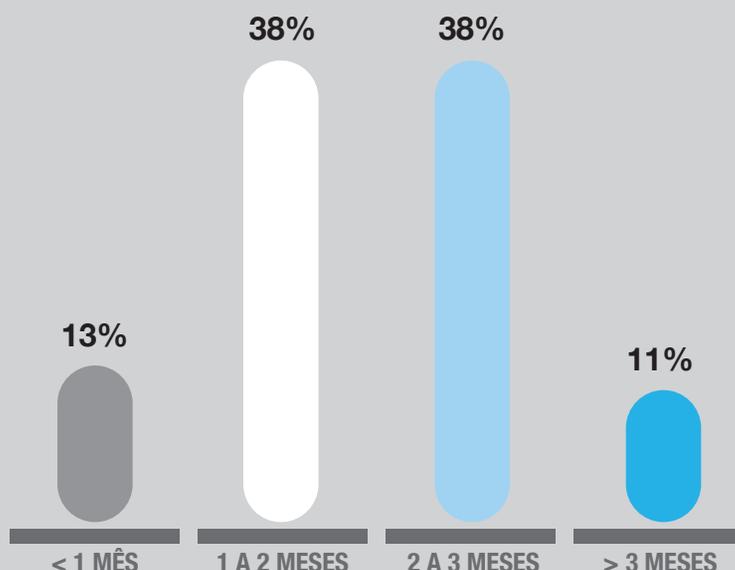
CARTEIRA DE ENCOMENDAS DO ESTRANGEIRO



Horizonte

PRODUÇÃO ASSEGURADA POR ENCOMENDAS

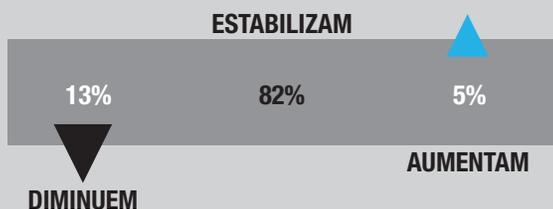
Apesar desta evolução, a maioria das empresas reparte-se entre a indicação de que a carteira de encomendas lhes assegura um a dois (38%) ou dois a três (38%) meses de produção. Há mesmo 11% dos inquiridos que consideram que a carteira lhes garante mais de três meses de atividade. Em contrapartida, os que dizem que têm menos de um mês de produção assegurada são apenas 13%. Nesta matéria, as respostas das empresas de maior dimensão e mais orientadas para os mercados externos são tendencialmente mais favoráveis do que as restantes.



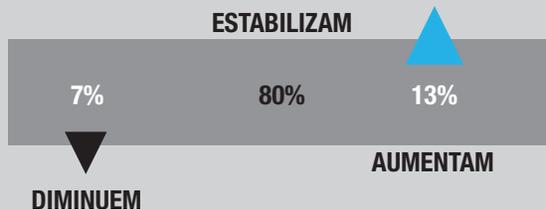
Preços

De acordo com as respostas obtidas, o preço do calçado mostra tendências diferentes em Portugal e nos mercados internacionais. Em ambos os casos, cerca de 4 em cada 5 empresas (82% para o mercado nacional, 80% para os mercados internacionais) disseram que os preços no primeiro trimestre permaneceram estáveis. No entanto, enquanto no mercado nacional as indicações de descida dos preços superaram as de aumento em 8 pontos percentuais, nos mercados internacionais a diferença foi de 6 pontos percentuais no sentido oposto. As pequenas empresas mostram-se especialmente impressionadas com a evolução dos preços nos mercados internacionais (s.r.e. +13 p.p.).

EM PORTUGAL



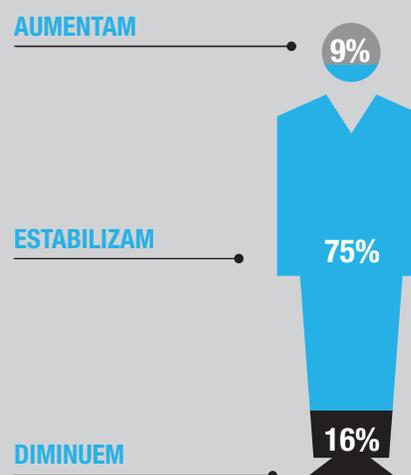
NO ESTRANGEIRO



Pessoas ao serviço

EVOLUÇÃO DO EMPREGO

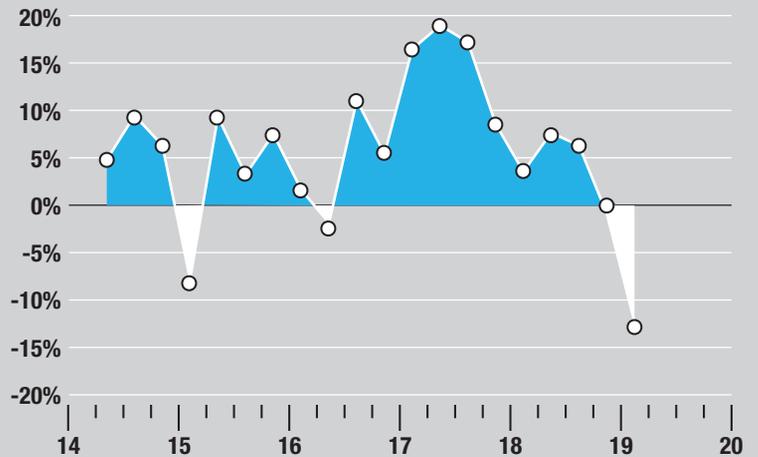
As empresas do setor continuam a resistir a refletir a redução nos níveis de atividade no emprego: 75% dos inquiridos afirmam que, no primeiro trimestre, o número de pessoas ao seu serviço não se alterou, sendo esta percentagem mais elevada entre as pequenas empresas. Há até 9% de empresas que dizem ter reforçado os seus quadros de pessoal. No entanto, o saldo de respostas extremas foi de -7 p.p., mantendo-se negativo pelo quarto trimestre consecutivo.



Estado dos negócios

Tal como no trimestre anterior, dois terços das empresas (65%) consideram que o estado dos negócios no primeiro trimestre do ano se manteve suficiente. No entanto, entre as restantes, a diferença entre as que consideram que o estado dos negócios foi, respetivamente, bom e mau agravou-se, tendo o saldo de respostas extremas caído para -13 p.p., o mais baixo da última década.

A degradação da conjuntura é patente quando as empresas são chamadas a comparar o atual estado dos negócios com o que se verificava há um ano: a maioria dos inquiridos (53%) afirma que a situação está pior enquanto apenas 11% considera que está melhor. É preciso recuar ao início do século para encontrar resultados semelhantes.



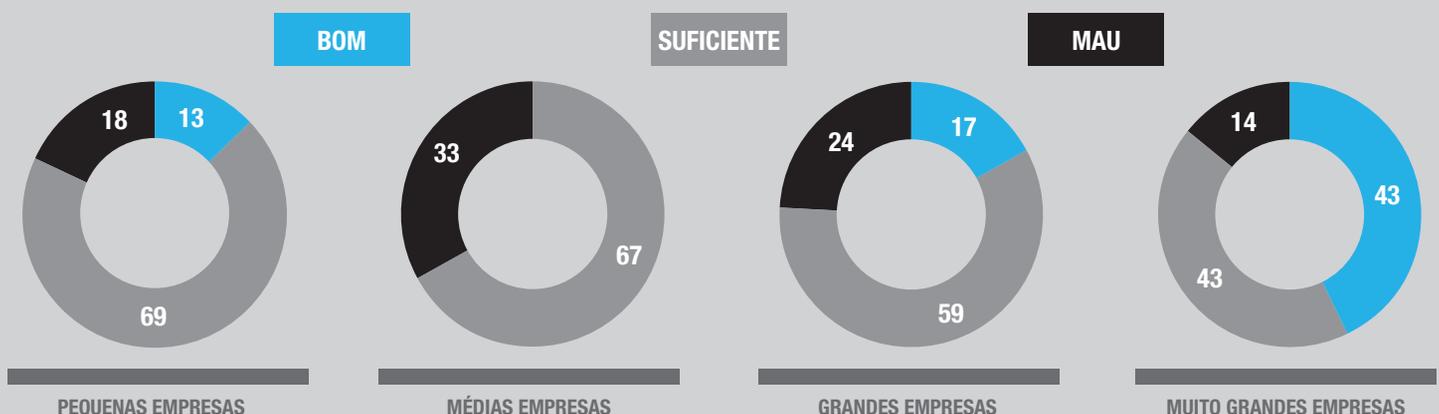
PERÍODO HOMÓLOGO



I.I. - Estado dos negócios por dimensão da empresa, orientação de mercado e peso da coleção própria nas vendas.

As empresas de muito grande dimensão (mais de 250 trabalhadores) são as únicas em que as opiniões positivas sobre o estado dos negócios continuam a superar as negativas (s.r.e. +29 p.p.). Não há, no entanto, uma relação linear entre dimensão e estado dos negócios, vindo as opiniões mais desfavoráveis das empresas que têm 50 a

100 trabalhadores. Já no que diz respeito ao agravamento da situação em relação ao ano anterior, existe uma relação clara: quanto maiores as empresas, maior o consenso em que a conjuntura piorou. Neste trimestre, a orientação de mercado não apresenta nenhuma relação forte com a opinião das empresas.



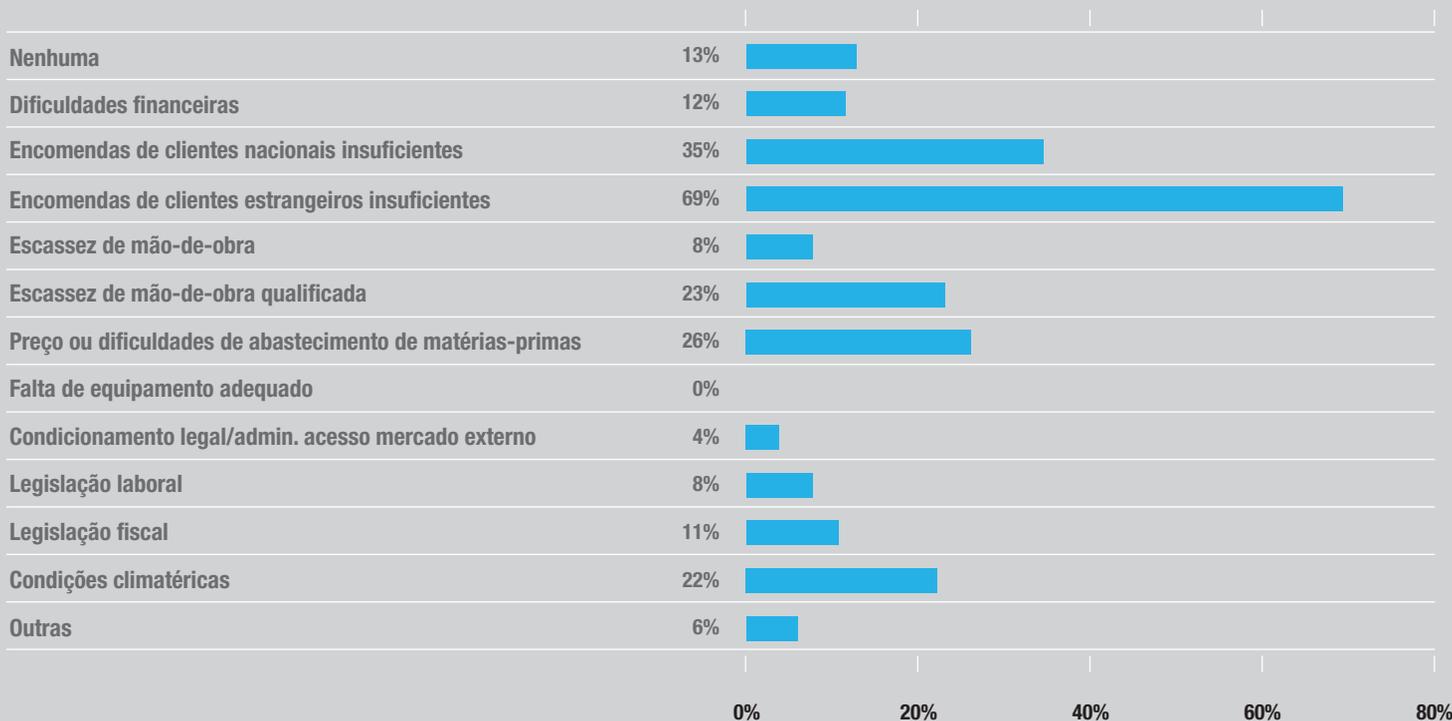
Limitações à produção

Neste início de 2019, as referências a insuficiência de encomendas de clientes estrangeiros acentuaram-se, sendo provenientes de 69% das empresas inquiridas, o nível mais elevado já registado. Já as referências a insuficiência de encomendas de clientes nacionais registaram uma ligeira diminuição, para 35%. Estes dois fatores encabeçam, por larga margem, as preocupações dos inquiridos, sendo transversais às empresas de todos os escalões de dimensão.

Na terceira posição, entre as preocupações setoriais, surge o preço ou dificuldades de abastecimento de matérias-primas que, no entanto, foram agora referidas por apenas 26% das empresas, 10 pontos percentuais menos do que trimestre anterior. Este tipo de dificuldade afeta sobretudo as empresas maioritariamente orientadas para os mercados externos. Quanto a outros fatores de produção, as referências a falta de mão-de-obra qualificada diminuíram também ligeiramente face ao último trimestre de 2018, sendo agora de 23%, enquanto a falta de mão-de-obra, em geral, foi mencionada por 8% das empresas. Continuam a não existir referências a falta de equipamento adequado.

As condições climatéricas são a única outra limitação a receber mais de 20% de referências (22%). Também este fator preocupa predominantemente empresas maioritariamente orientadas para os mercados externos. Quanto às dificuldades de natureza legal ou administrativa, mantiveram sensivelmente o nível do trimestre anterior: 11% dos inquiridos referiram dificuldades relacionadas com a legislação fiscal, 8% com a legislação laboral e 4% com condicionamentos no acesso a mercados externos.

No contexto de abrandamento da atividade já descrito, não surpreende que as referências a dificuldades financeiras tenham aumentado para 12%. Estas dificuldades preocupam predominantemente empresas com orientação maioritária para o mercado nacional e de pequena ou média dimensão. A percentagem de empresas que afirmaram não sentir nenhuma dificuldade baixou para 13%, prosseguindo a tendência de diminuição que tem mostrado nos últimos três anos.



Tendências da produção

As previsões dos inquiridos para o 2º trimestre de 2019 apontam para uma melhoria da situação conjuntural, face ao que se tem verificado em trimestres recentes. No que respeita ao nível de produção, as empresas que acreditam que vai aumentar excedem em 2 p.p. as que pensam que

vai diminuir. O saldo de respostas extremas volta assim a terreno positivo, particularmente entre as empresas de menor dimensão, depois de dois trimestres em que foi acentuadamente negativo.

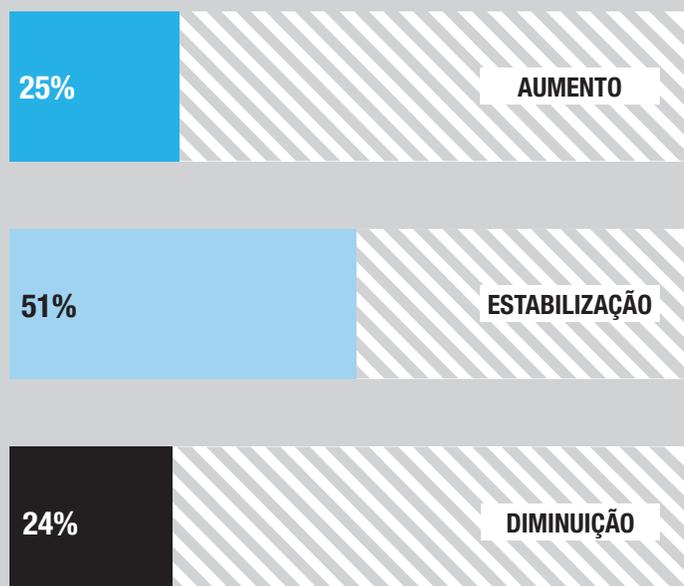


Perspectivas de encomendas

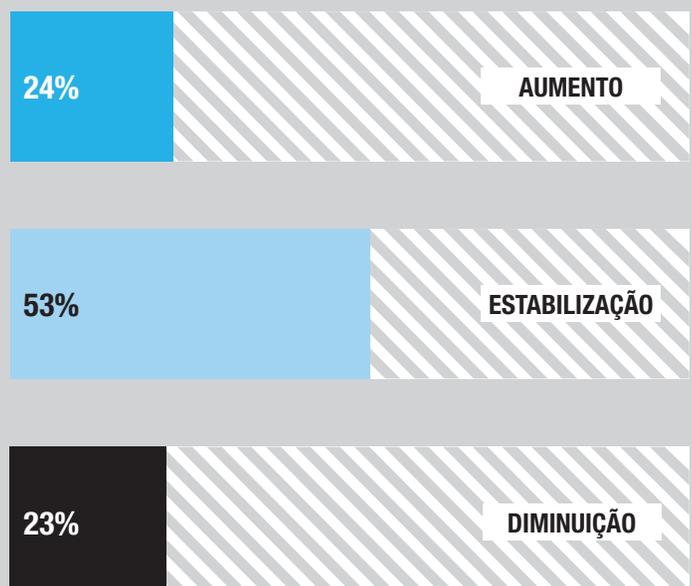
As previsões para a carteira de encomendas, quer de clientes nacionais, quer do estrangeiro, são muito semelhantes: um pouco mais de metade das empresas acreditam que vai estabilizar e as que preveem que vai aumentar superam as que julgam que vai diminuir em 1 ponto percentual. As empresas de dimensões extremas,

pequenas ou muito grandes, mostram-se mais otimistas do que as de dimensões intermédias. Da mesma forma, as empresas especializadas no mercado nacional ou na exportação estão mais otimistas do que as que têm uma propensão exportadora intermédia.

PREVISÃO CARTEIRA GLOBAL DE ENCOMENDAS



PREVISÃO CARTEIRA DE ENCOMENDAS DO ESTRANGEIRO

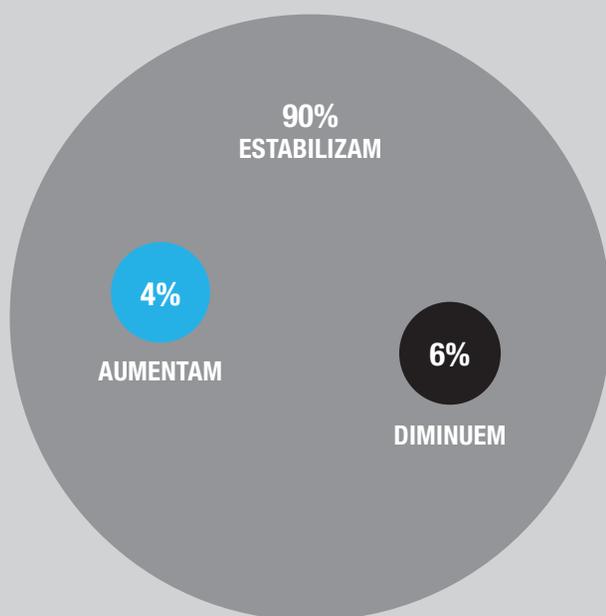


Perspetivas de preços de venda

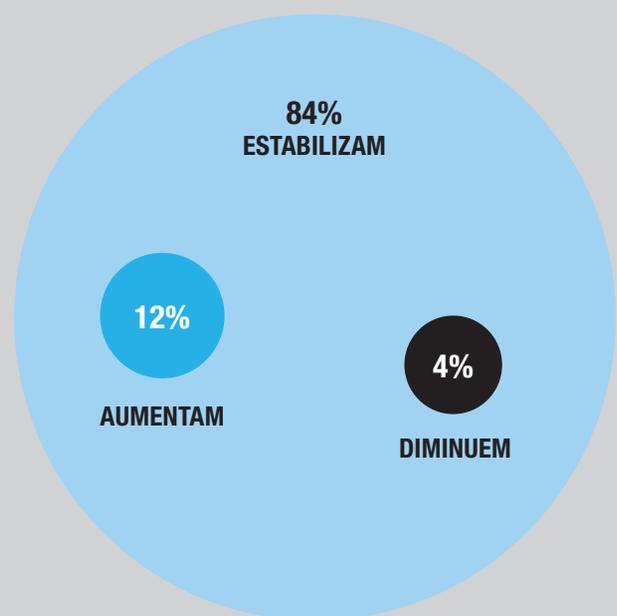
Relativamente aos preços, embora a larga maioria das empresas acreditem na sua estabilidade, as respostas obtidas sugerem a manutenção da tendência para a ligeira diminuição no mercado nacional e aumento nos mercados internacionais. No que respeita ao mercado nacional, o s.r.e. foi de -2 p.p. É apenas entre as empresas com menos

de 50 trabalhadores que se encontram alguns casos de previsão de aumento. Quanto aos mercados internacionais, o s.r.e. atingiu +8 p.p., sendo positivo para todos os escalões de dimensão com exceção das empresas com mais de 250 trabalhadores.

PREVISÃO DE PREÇOS EM PORTUGAL

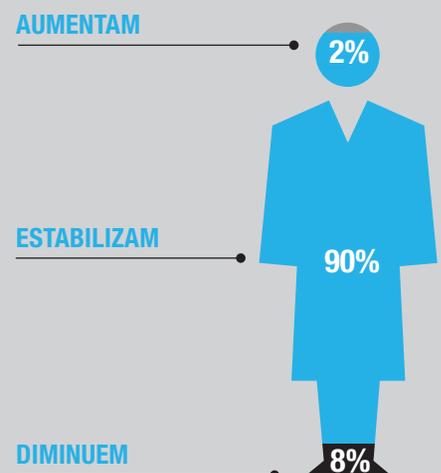


PREVISÃO DE PREÇOS NO ESTRANGEIRO



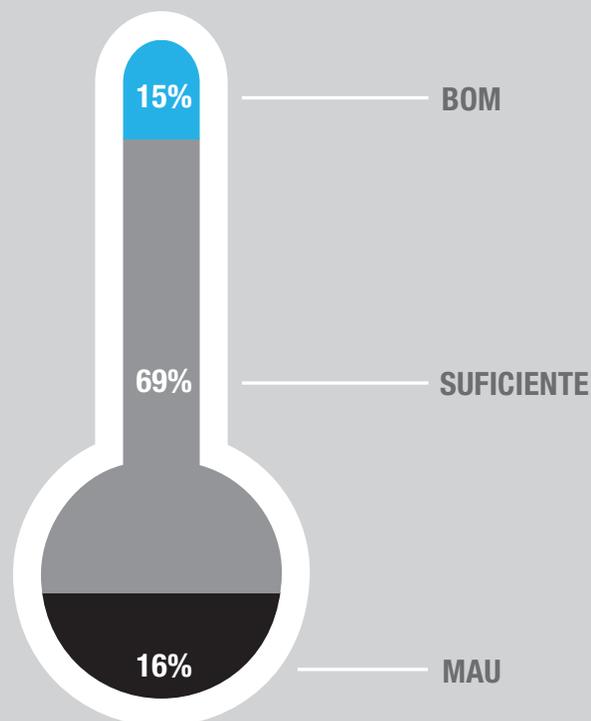
Perspetivas sobre o emprego

Nove em cada dez empresas acreditam que, no segundo trimestre, o seu nível de emprego não se alterará. A redução da atividade ocorrida em períodos recentes leva, no entanto, a que sejam mais as que acreditam que o número de pessoas ao seu serviço vai diminuir do que as que preveem que vai aumentar, gerando um s.r.e. de -6 p.p. Trata-se do 5º trimestre consecutivo em que as previsões neste domínio são negativas. As pequenas empresas são as que se mostram menos otimistas.



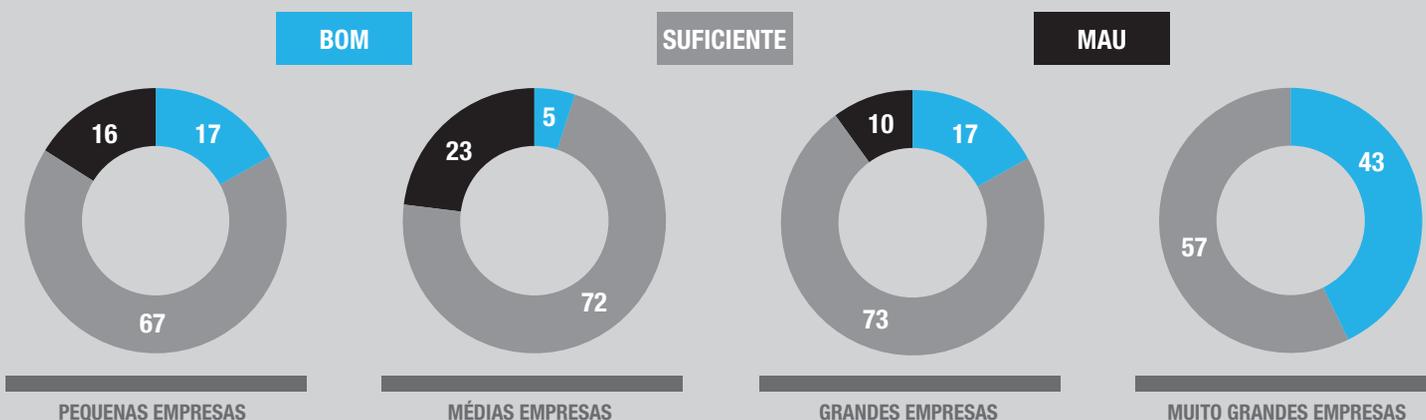
Perspetiva sobre o estado dos negócios

As empresas acreditam que, no segundo trimestre, o estado dos negócios vai ser melhor do que no anterior: a percentagem das que receiam que seja mau (16%) é consideravelmente menor do que a das que pensam que assim aconteceu no primeiro trimestre (24%), por contrapartida de um aumento na percentagem das que pensam que será suficiente ou bom. Apesar desta esperada inversão da trajetória, as empresas que acreditam que o segundo trimestre de 2019 será pior do que o de 2018 excedem em 16 pontos percentuais as que pensam que será melhor.



Apuramento dos resultados

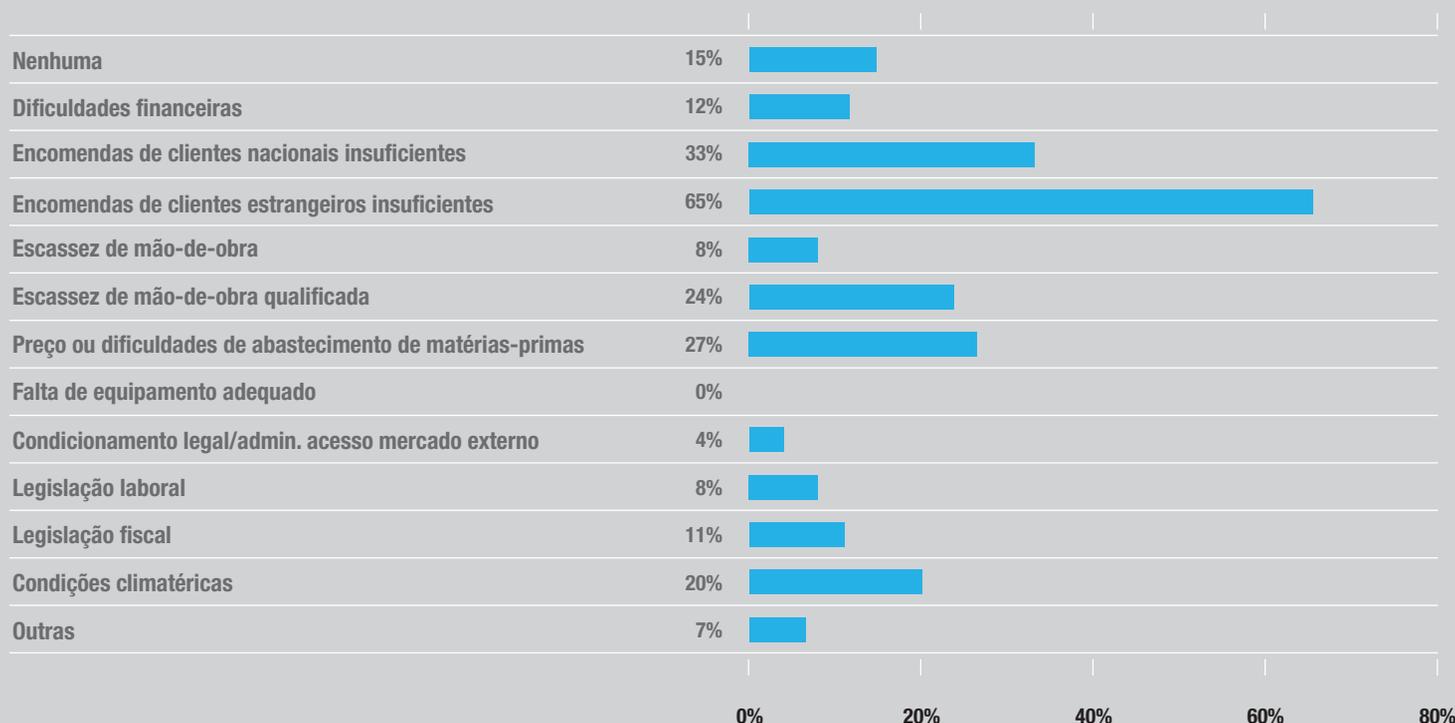
As empresas grandes (mais de 100 trabalhadores) e muito grandes (mais de 250) mostram-se consideravelmente mais confiantes quanto ao estado dos negócios do que as de menor dimensão, apresentando um s.r.e. positivo, ao contrário das restantes. No entanto, é entre as empresas muito grandes que é mais consensual a opinião de que o estado dos negócios no 2º trimestre de 2019 ficará aquém do registado pela mesma altura em 2018.



Limitações previstas

As empresas acreditam que, no segundo trimestre, irão abrandar as limitações de mercado com que têm sido confrontadas: a percentagem das que receiam insuficiência de encomendas de clientes estrangeiros (65%) é 4 pontos percentuais inferior à das que afirmam tê-la já sentido no trimestre transato; também as referências à insuficiência de encomendas de clientes nacionais baixam 2 pontos percentuais, para 33%. As empresas de maior dimensão são as que se mostram mais preocupadas com estas dificuldades. Também as referências a dificuldades decorrentes das condições climáticas são menos esperadas para o próximo trimestre.

PREVISÃO PARA PRÓXIMO TRIMESTRE



Em sentido contrário, a percentagem de empresas que indicam esperar limitações decorrentes da falta de mão-de-obra qualificada ou do preço e abastecimento de matérias-primas é ligeiramente mais alta do que o verificado no primeiro trimestre. Quanto às restantes dificuldades sobre as quais são inquiridas, as empresas não esperam qualquer alteração face ao passado recente.

Os tímidos sinais de melhoria da situação visíveis nas questões anteriores levam a que a percentagem de empresas que esperam não enfrentar nenhuma dificuldade, no segundo trimestre, atinja 15%, mais 2 pontos percentuais do que no trimestre agora terminado.

Notas de Conjuntura

A Comissão Europeia acaba de publicar as suas previsões económicas da primavera que apontam para que os próximos anos sejam marcados por um crescimento bastante lento das economias europeias:

“A atividade económica na UE abrandou ainda mais na segunda metade de 2018 na medida em que a economia e o comércio globais enfraqueceram no contexto de condições financeiras globais mais restritivas, tensões comerciais não resolvidas, elevada incerteza e em consequência de uma excecional debilidade nas indústrias transformadoras que se prolongou para o início de 2019. (...)”

De 1,9% em 2018, o crescimento do PIB na área euro deverá abrandar para 1,2% este ano e acelerar para 1,5% em 2020, quando a taxa de crescimento será favorecida por um maior número de dias de trabalho. Prevê-se que o PIB cresça em todos os estados membros ao longo do horizonte de projeção.

Estas previsões assentam no pressuposto de que a incerteza política e comercial vai diminuir, ou, pelo menos, não aumentar, que a procura global se tornará gradualmente mais favorável e que os fatores específicos que atualmente estão a travar o crescimento vão esvaziar-se. Qualquer desvio em relação a estes pressupostos poderá levar a um abrandamento mais persistente.

No conjunto, prevê-se que o crescimento do PIB global fora da UE diminua de 3,9% em 2018 para 3,6% em 2019 (...). Em 2020, a economia global (excluindo a UE) deverá voltar a uma trajetória de crescimento um pouco mais alta, com um crescimento anual do PIB de 3,8% (...).”

Comissão Europeia, European Economic Forecast, Primavera 2019

Quanto aos principais mercados do calçado português, as previsões mais favoráveis da Comissão Europeia são para a Espanha que deverá crescer 2,1% este ano e 1,9% no próximo. França, Holanda e Reino Unido deverão ter evoluções semelhantes: crescimento de 1,3%, 1,6% e 1,3%, respetivamente, este ano e de 1,5%, 1,6% e 1,3%, no próximo. Já a Alemanha deverá estar este ano numa situação de quase estagnação (0,5%) retomando no próximo um ritmo semelhante à média da UE (1,5%). Os membros da UE que registarão crescimento económico mais significativo, acima dos 3%, deverão ser países do antigo leste (Bulgária, Eslováquia, Eslovénia, Hungria, Letónia, Polónia, Roménia) e os pequenos estados do Mediterrâneo (Chipre, Malta), assim como a Irlanda. Relativamente a Portugal, a Comissão Europeia afirma que:

“Espera-se que a expansão económica continue a um ritmo moderado apesar de um contributo mais fraco das exportações líquidas, graças ao fortalecimento do consumo privado e do investimento. O desemprego deverá continuar a cair mas mais devagar. (...)”

O crescimento real do PIB em Portugal diminuiu para 2,1% em 2018, de um máximo de 2,8% em 2017. O abrandamento foi impulsionado pelo (...) abrandamento abrupto das exportações. No entanto, a procura interna permaneceu sólida, especialmente o consumo privado, enquanto o crescimento do investimento abrandou depois de um desempenho excecional em 2017. (...)”

No conjunto, prevê-se que o crescimento do PIB seja de 1,7% tanto em 2019 como em 2020. Os riscos para este cenário parecem ser no sentido da baixa devido à persistente incerteza que rodeia o ambiente externo.”

Comissão Europeia, European Economic Forecast, Primavera 2019

As previsões recentes para Portugal de outras instituições são semelhantes apontando igualmente para a continuação de um crescimento económico relativamente lento. Para 2019, à semelhança da Comissão Europeia, o Banco de Portugal e o Fundo Monetário Internacional preveem que o PIB real cresça 1,7%, enquanto o Conselho das Finanças públicas aponta para 1,6% e o Ministério das Finanças para 1,9%. Para 2020, as previsões destas instituições variam entre o mínimo de 1,5% (FMI) e o máximo de 1,9% (Ministério das Finanças).

Quanto a economia internacional, as previsões formuladas em abril pelo Fundo Monetário Internacional, no seu World Economic Outlook, são semelhantes às da Comissão Europeia: o FMI prevê que o PIB mundial cresça 3,3% este ano e 3,6% em 2020. Os EUA deverão crescer a um ritmo um pouco superior à União Europeia (2,3% em 2019 e 1,9% em 2020) mas, como habitualmente, será no oriente que se situarão os polos mais dinâmicos da economia mundial: a China deverá crescer 6,3% este ano e 6,1% e a Índia 7,3% e 7,5%, respetivamente.

P O R T U
G U E S E
S H O E S

A P I C C A P S